

## O perfil do aluno do Parfor no interior do Maranhão<sup>1</sup>

Lucas Santiago Arraes REINO<sup>2</sup>  
Tháisa Cristina BUENO<sup>3</sup>  
Universidade Federal do Maranhão, MA

### RESUMO

Este artigo é uma proposta descritiva de traçar um perfil dos alunos do Parfor do Maranhão, núcleo de Imperatriz. Por meio das entrevistas aplicadas aos próprios protagonistas do programa, pretende-se conhecer suas maiores dificuldades e também as peculiaridades que marcam as turmas do programa nos municípios de Grajaú, Bom Jesus das Selvas, Lago da Pedra, Sítio Novo, Buriticupu e Imperatriz. A ideia é revelar um pouco mais sobre quem é esse aluno que também é professor e principal responsável pela formação dos estudantes no interior do Brasil. A descrição e análise dos questionários aplicados aos 530 estudantes do projeto esclarecem quais são as formas de buscar informação, dificuldades na aprendizagem e outras características que não estão nas estatísticas institucionais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunicação; Perfil; Parfor Imperatriz.

### INTRODUÇÃO

Comprometer-se a, todos os fins de semana do mês, sem exceção, durante quatro anos, acordar aos sábados e domingos antes de o sol nascer, arrumar a casa, preparar o café da manhã para a família e depois se arrumar para ir à aula. Agora são 60 quilômetros de distância para ser percorridos entre a casa da professora Rosa e o colégio na zona urbana de Buriticupu, mas pode ser também de Grajaú, Bom Jesus das Selvas, Lago da Pedra, Sítio Novo e Imperatriz.

A professora pode ser a Rosa, a Maria, a Aparecida ou então o Carlos, o Roberto ou o Celso, entre muitos outros nomes dos mais de 500 alunos que o Parfor atende por meio do núcleo de Pedagogia. Eles são professores que vivem e trabalham nas zonas urbana e rural desses

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2016.

<sup>2</sup> Professor Doutor do Curso de Jornalismo da UFMA de Imperatriz e Professor em exercício provisório do curso de Jornalismo da Ufrgs, e-mail: lucas@ufma.br.

<sup>3</sup> Professora Doutora do Curso de Jornalismo da UFMA de Imperatriz, e-mail: thaisabu@gmail.com

municípios e estão tendo a oportunidade de fazer uma graduação, de se preparar melhor para ministrar suas aulas.

Alguns moram perto da escola, contam que rapidinho chegam para estudar. Outros precisam de transporte, ou no plural mesmo, transportes. São motos, bicicletas, até cavalos. Outros poucos vêm de carro e ainda alguns contam com o transporte que o povoado de origem oferece para ajudar no deslocamento. Há quem pegue um pau-de-arara e peça, discretamente, que "estacione" a alguns metros da escola. Não era para ser assim. Deveria ser, porque o é na sua essência, um orgulho poder dizer que, apesar da dificuldade, que é grande, muitos desses brasileiros, boa parte com mais de 40 anos, enfrentam corajosamente diversos percalços para poder se aperfeiçoar. Mesmo assim, há quem prefira chegar silenciosamente, manter discreto esse orgulho, e sem alarde ir galgando a busca pelo primeiro diploma de ensino superior.

E assim, todo sábado de manhã até a hora do almoço, depois à tarde até o começo da noite e, por fim, no domingo no período matutino, esses pais e mães de família que trabalharam a semana toda em salas, boa parte delas em condições precárias, pelo interior do Maranhão; que cuidaram de sua casa, prepararam aulas e batalharam seu dia a dia vão para o banco do aluno para estudar. Desdobrando-se às vezes para deixar os filhos com amigos ou familiares, para dar um jeito de almoçar contanto moedas, eles acumulam trabalhos e mantêm a expectativa de ser reconhecidos e valorizados como professores formados.

Esse é o cotidiano dos professores que voltam a ser alunos no Profebpar, um programa administrado pela UFMA em dois núcleos, São Luís e Imperatriz, parte de um projeto maior do governo federal chamado Parfor (Plano Nacional de Formação dos Professores da Educação Básica). Para esclarecer melhor, o Parfor foi implantado pela Capes (Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), ligada ao MEC (Ministério da Educação), com a “finalidade de contribuir para que os professores em exercício na rede pública de educação básica tenham acesso à formação superior exigida na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional” (CAPES, 2015). E é isso que tem tentado fazer, apesar das condições de dificuldade que os alunos enfrentam para manter até o fim dos quatro anos a rotina de trabalho, casa e estudos.

Iniciado nacionalmente em 2009, o programa começou a funcionar em Imperatriz em 2011, estando hoje nos municípios de Grajaú, Bom Jesus das Selvas, Lago da Pedra, Sítio Novo, Buriticupu e Imperatriz. Os primeiros alunos formados, uma turma de Grajaú, concluíram os trabalhos em janeiro de 2015.

A licenciatura em pedagogia é distribuída em nove períodos e 3.225 horas. Essa foi uma área detectada como carente de formação, já que 65% dos professores que atuam na educação infantil no Maranhão não têm formação superior. Essa defasagem pode ser demonstrada pela procura: são salas cheias e em 2014 contavam-se 530 alunos só para o núcleo de Imperatriz, que gerencia cerca de 100 professores, entre ativos e inativos.

Nacionalmente é possível vislumbrar a importância do Parfor. Nos últimos dados apresentados pela Capes em relatório sobre a atuação do programa entre os anos de 2009 e 2013 foram registradas 311 instituições de ensino superior parceiras, alcançando 1.032 diferentes grupos de docentes de graduação e pós-graduação envolvidos com formação de professores da educação básica.

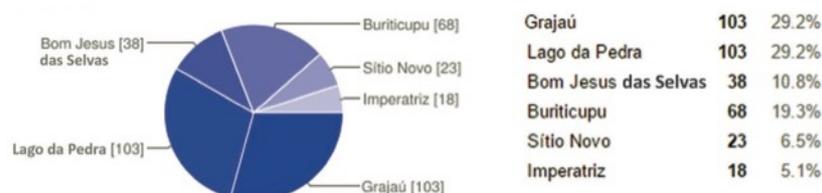
Segundo a Capes, em 2009 o número de matriculados era de 4.273 professores, distribuídos em 140 turmas. O Programa encerrou o ano de 2013 com 70.220 professores matriculados em 2.145 turmas especiais ofertadas por 96 IES.

Do lado da equipe responsável pelo programa em 2013, durante todos esses anos contou-se com a participação de 16.669 bolsistas. Isso representa também altos investimentos feitos pelo Governo Federal, além de divulgação e material didático, entre outros custos, para a realização do Parfor. Entre 2009 e 2013 investiu-se o montante de R\$ 529.111.171,35 no programa.

Outro número que pode trazer um panorama melhor sobre o que ele representa hoje para a educação superior é a divisão entre os professores das escolas estaduais e municipais. Para 2013, foram solicitadas 361.020 vagas. Desse total 78,92% constituem demanda da rede municipal e 21,08% da estadual, sendo a maioria para a primeira licenciatura, 71,07%, restando 26,31% para a segunda licenciatura e 2,62% em formação pedagógica.

No Maranhão, mais especificamente nos municípios atendidos pelo núcleo de Imperatriz, é possível observar alguns dados:

Figura 1 – Distribuição dos alunos nos municípios



Fonte: Autores

**Imperatriz**

População: 247.505  
Alfabetizados: 198.642  
Docentes no ensino fundamental: 1.808  
Escolas do ensino fundamental 169  
Alunos do programa: 25

**Grajaú**

População: 66.732  
Alfabetizados: 41.108  
Docentes no ensino fundamental: 895  
Escolas do ensino fundamental: 188  
Alunos do programa: 220

**Sítio Novo**

População: 17.559  
Alfabetizados: 11.858  
Docentes no ensino fundamental: 238  
Escolas do ensino fundamental 42  
Alunos do programa: 28

**Bom Jesus das Selvas**

População: 3.2133  
Alfabetizados: 1.7832  
Docentes no ensino fundamental: 272  
Escolas do ensino fundamental 65  
Alunos do programa: 43

**Buriticupú**

População: 69.548  
Alfabetizados: 40.444  
Docentes no ensino fundamental: 726  
Escolas do ensino fundamental 76  
Alunos do programa: 99

**Lago da Pedra**

População: 48.511  
Alfabetizados: 28.449  
Docentes no ensino fundamental: 738  
Escolas do ensino fundamental: 86  
Alunos do programa: 115

**REALIDADE QUE NÃO CONSTA NOS RELATÓRIOS**

Uma vez descrito um pouco do que se trata o programa e onde ele atua, a proposta do presente ensaio é mostrar uma realidade que não aparece nos relatórios gerais, como o da Capes, nem nos jornais ou mesmo nos artigos acadêmicos. Um relato mais humanizado e qualitativo dessas pessoas que dedicam suas vidas para ensinar em locais que seriam considerados inviáveis por qualquer outro lugar do mundo, mas que representam a realidade do nosso país e particularmente do nosso Estado. São salas de aula muito quentes, com bancos quebrados, algumas sem energia elétrica e muitas delas reunindo alunos com níveis distintos de escolaridade obrigados a compartilhar o mesmo espaço para garantir os números de alfabetização tão aclamados nos levantamentos divulgados sobre a educação do país. A realidade de professores que enfrentam os percalços de não ter a formação adequada, que precisam descobrir a pedagogia na prática, dedicando-se ao que é um direito básico de todos, a educação, e ocupando a frente de batalha contra o analfabetismo e a ignorância nas trincheiras mais duras, nos ambientes menos propícios.

É fácil falar sobre educação e sua importância, porque ao que parece ninguém vai discordar que essa é a base para a formatação de uma sociedade mais justa e igualitária; também é muito comum que as plataformas políticas defendam a capacitação dos docentes. Em programas como o Parfor, onde é possível isso materializar-se, também a realidade idealizada e a concreta se enfrentam. Nesse sentido este texto quer apresentar aos leitores um pouco mais desse embate.

### **UMA REALIDADE BEM PERTO DA GENTE: PESQUISA QUALIQUANTITATIVA**

Para dar conta desse relato, este ensaio traz uma descrição feita a partir do olhar-dos seus protagonistas: os alunos do Parfor do Maranhão (núcleo de Imperatriz). O questionário para tentar traçar um perfil do estudante do programa foi aplicado à totalidade de alunos, 530, em todos os municípios, durante as aulas ministradas no mês de dezembro de 2014.

Do total de formulários disponibilizados, obtiveram-se 353 respostas, ou seja, 66% do total de acadêmicos do programa enviaram a pesquisa respondida. Conforme Krejcie e Morgan (1970), para uma amostragem de 500 a 580 pessoas, a obtenção de 220 respostas já garantiria uma inferência com margem de erro de apenas 3 pontos percentuais, ou seja, 66% de respostas representam um índice muito grande de participação e seu resultado permite dizer que retrata com bastante precisão a realidade dos acadêmicos do Profbepar no Maranhão.

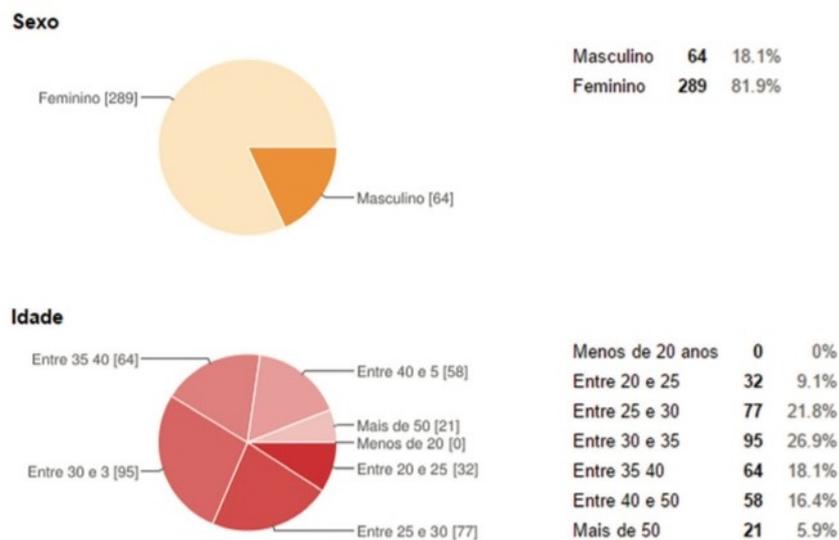
O formulário, elaborado pelos professores organizadores deste livro, foi impresso e enviado às unidades pela coordenação do programa que se responsabilizou por aplicá-lo durante o curso. Ao todo foram oito perguntas que abarcam questões de gênero e idade, perfil econômico e profissional, bem como condições de acesso à informação. Apenas uma das questões que compõem o questionário não era de múltipla escolha e permitiu conhecer, nas palavras dos próprios alunos, quais as suas impressões sobre o programa e sua maior dificuldade.

A partir do resultado podemos conhecer um pouco mais da realidade educacional não apenas do programa, como um aspecto pontual, mas da própria educação no interior do Brasil. Saber quem é esse professor é também entender que formação estamos trabalhando, com que cidadão estamos lidando e quais nossas maiores deficiências.

## PRAZER EM CONHECÊ-LO

Efetivamente a licenciatura em Pedagogia continua sendo um trabalho de mulheres. Aproximadamente 82% dos acadêmicos do programa são do sexo feminino. Do total de participantes do questionário 289 são mulheres, contra 18 homens. Mas a questão de gênero não é a única latente nessa classificação. O detalhamento da idade do grupo também mostra uma formação tardia dos estudantes (professores) no programa. Não há registro de nenhum aluno com menos de 20 anos, que seria a formação tradicional, sendo que 159 deles têm entre 30 e 40 anos.

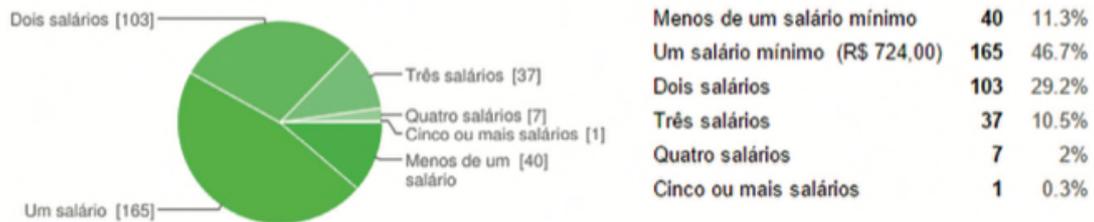
Figura 2 – Sexo e idade dos participantes da pesquisa



Fonte: Autores

A renda familiar é um outro dado que descreve bem o perfil desse estudante do programa, que ingressa tarde na universidade: 87% deles têm renda familiar de até, no máximo, dois salários mínimos. Só um caso foi contabilizado de aluno com renda familiar igual ou acima de cinco salários. Formação não deve mudar significativamente essa realidade uma vez que o Brasil inclui-se entre os países que mais mal pagam os professores, conforme levantamento recente da OCDE (Organização para a Cooperação Desenvolvimento Econômico) e divulgado em 2014 como parte de um estudo sobre a educação no planeta. Mas significa, ao menos, a permanência no emprego, uma vez que a formação é requisito eliminatório para a manutenção do pessoal no quadro de professores de acordo com legislação vigente.

Figura 3 – Renda Familiar dos participantes da pesquisa

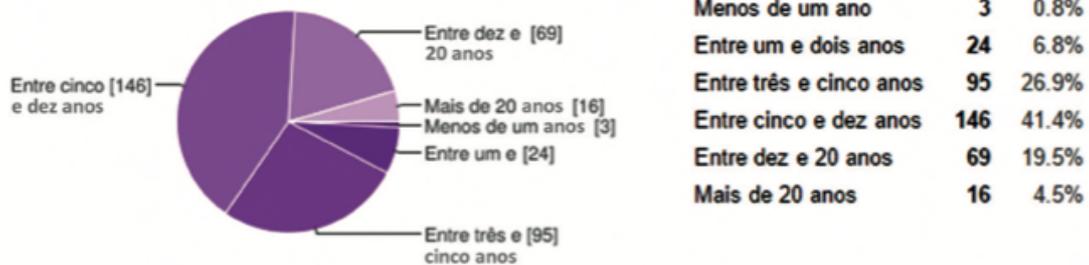


Fonte: Autores

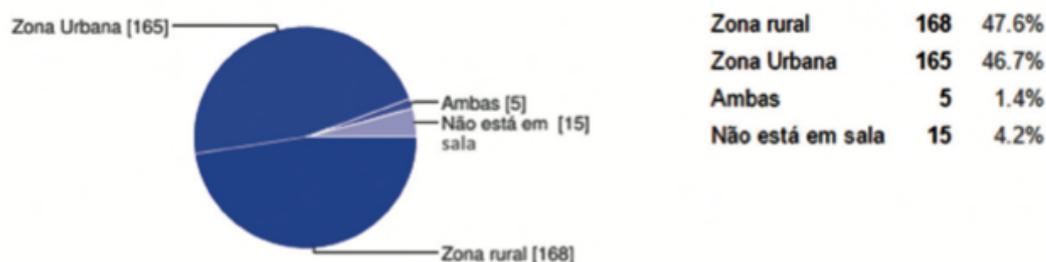
De qualquer forma é importante esclarecer que ter começado tarde no ensino superior não significa iniciar a carreira também há pouco tempo. Pelo contrário, a maioria está em sala de aula sem formação superior entre cinco e dez anos. Já o local de atuação é bastante dividido, sendo que quase que paritariamente os acadêmicos se dividem entre os que atuam no campo e os que atuam na cidade. Ou seja, uma realidade sistêmica da educação no Maranhão.

Figura 4 – Tempo de docência e local onde leciona

#### Há quanto tempo é professor?



#### Onde leciona?

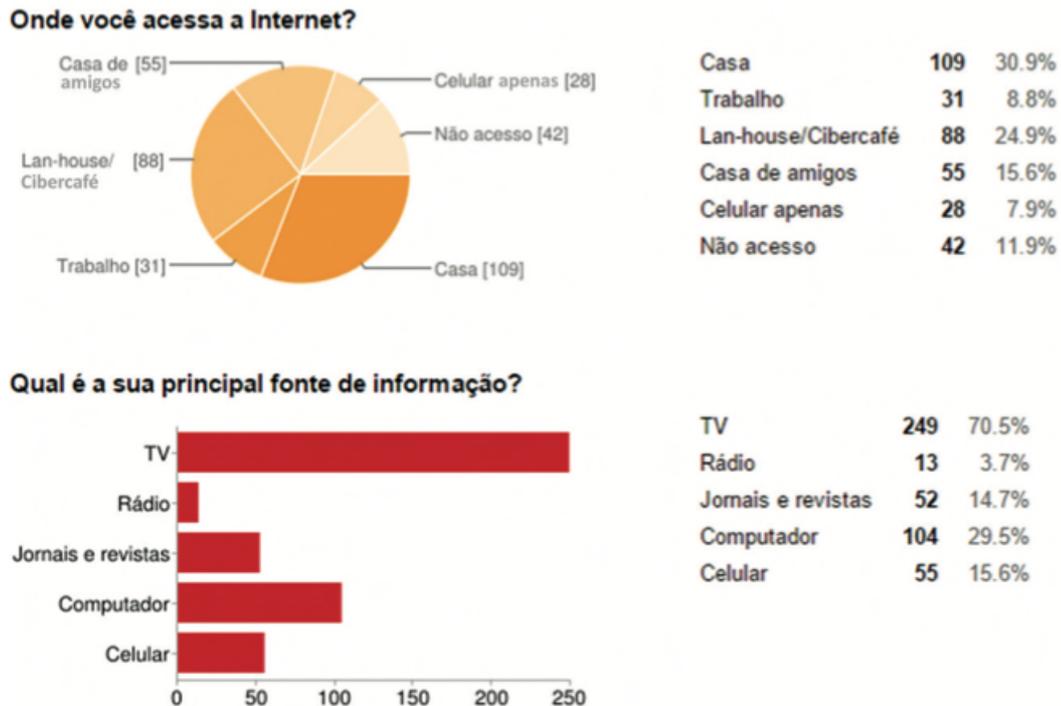


Fonte: Autores

Sobre a forma como esses professores buscam informação somente três a cada dez tem acesso à internet em casa, sendo que 11% não têm nenhum tipo de acesso, seja na *lan house* ou na casa de amigos. Em outras palavras, totalmente desconectado. Num momento em que se discutem novas formas de agregar a tecnologia à educação, as plataformas educacionais alardeiam a necessidade de computadores, *tablets* e outros petrechos como sendo o ícone de

uma educação mais efetiva, na prática, o próprio professor está distante desses recursos. Sendo assim, a televisão reina absoluta como meio de comunicação mais usado pelos estudantes, sendo citada por 70% dos estudantes.

Figura 5 – Local de acesso e principal fonte de informação



Fonte: Autores

Já entre as dificuldades dos estudantes na sua formação durante todos os anos do programa dois pontos foram os que mais chamaram atenção: um físico, já que a distância e a falta de tempo são apontadas quase unanimemente como um problema; e, por fim, e outro da prática estudantil, sendo que a interpretação de texto é o maior problema para o desenvolvimento pleno desse acadêmico.

## CONCLUSÃO

A curiosidade é um fator que impulsiona as descobertas. Em uma conversa na volta de um encontro com os alunos do Profebpar de Buriticupu, a 407 Km da capital, nós nos perguntamos qual seria o perfil dos nossos discentes. Será que eles são docentes há muito tempo? Quais seriam as dificuldades que eles enfrentam para estar em sala? Tantas outras perguntas surgiram e a partir daí tivemos a ideia dessa pesquisa.

Além de saber sobre tudo isso, também pensamos que era preciso contar aos nossos colegas e outras pessoas sobre esse perfil. Ainda dentro dessa reflexão, como podemos promover a educação usando o modelo de lugares que não condizem com o nosso? Como pensar na formação do professor sem conhecer as diferenças que cada região traz? O docente tem um papel fundamental no ensino e por isso decidimos conhecer melhor nossos alunos, que são os professores desses municípios do interior do Maranhão e possuem suas singularidades.

A mudança que iniciamos a partir do que coletamos serve para as nossas futuras aulas, mas pode ser expandida. Entender como a internet vem sendo inserida ainda na vida dos docentes é um exemplo disso. Muitos já começam a consumir informações pela rede mundial de computadores, mas a TV ainda é a fonte mais relevante e o rádio, que costumeiramente é visto como um meio forte nos municípios do interior, já não é tão influente.

Na pergunta aberta, quando eles puderam expor as suas maiores dificuldades, também ficou claro que muitos preferiram repetir as respostas dos colegas, mas entre as que apareceram com ideias originais foi impressionante encontrar tantos professores reclamando da dificuldade de se expressar em público, algo que supúnhamos que não existisse para esse tipo de profissional.

Nas respostas abertas também vimos que os problemas financeiros são uma constante nas dificuldades encontradas. Se eles não podem imprimir trabalhos para entregar porque sai caro pagar alguém para digitar, fica claro que essa não é uma reclamação superficial, já que muitos ganham por volta de um salário mínimo para manter a família.

Enfim, aprendemos muito mais sobre quem são esses docentes, que temporariamente eram nossos alunos, e conseguimos produzir um relato para auxiliar outros colegas que queiram expandir mais sua compreensão sobre a educação no Brasil e sua diversidade.

## REFERÊNCIAS

CAPES. **Fundação do Ministério da Educação**. Disponível em: <  
<http://www.capes.gov.br/images/stories/download/bolsas/1892014-relatorio-PARFOR>>,  
acesso em: 01 de fev. 2015.

KREJICIE, R. V. e Morgan, D. W. **Determining sample size for research activities. Educational and Psychological Measurement.** Vol. 30, 607-610. 1970.

ATIVIDADES PARA AFABETIZAÇÃO. **Blog.** Salário dos professores brasileiros está entre os piores do mundo. Disponível em: < <http://www.atividadespnaic.com/2015/03/salario-dos-professores-brasileiros-esta-entre-os-piores-do-mundo/>>, acesso em: 04 de mar. 2015.